

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS DO PANTANAL
CURSO EDUCAÇÃO FÍSICA**

**A INFLUÊNCIA DAS MÚSICAS E VÍDEOS CLIPES NO
PROCESSO DE FORMAÇÃO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES**

JOSUÉ CRISTIANO CUELLAR DA SILVA

**CORUMBÁ
2015**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS DO PANTANAL
CURSO EDUCAÇÃO FÍSICA**

**A INFLUÊNCIA DAS MÚSICAS E VÍDEOS CLIPES NO PROCESSO DE
FORMAÇÃO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES**

Monografia apresentada por Josué Cristiano Cuellar da Silva, ao Curso de Educação Física da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Campus do Pantanal, como um dos requisitos para a obtenção do título de Licenciado em Educação Física.

Orientadora:

Hellen Jaqueline Marques

**CORUMBÁ
2015**

JOSUE CRISTIANO CUELLAR DA SILVA

**A INFLUENCIA DAS MÚSICAS E VÍDEOS CLIPES NO PROCESSO DE
FORMAÇÃO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES**

Este trabalho de conclusão de curso foi julgado adequado para obtenção do título de “Licenciado em Educação Física” e aprovado em sua forma final pela banca examinadora.

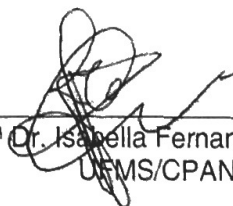
BANCA EXAMINADORA



Profª Me. Hellen Jaqueline Marques
Orientador (a) – UFMS/CPAN



Profª Me. Cléia Renata Teixeira de Souza
UFMS/CPAN



Profª Dr. Isabella Fernanda Ferreira
UFMS/CPAN

Corumbá/MS
2015

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer à Deus pelo seu amor incondicional por mim, por ter me sustentado durante esse período acadêmico.

Agradeço à minha família, em especial a minha mãe que esteve comigo durante esse período.

À Fernanda Câmara Cardoso pela sua dedicação e o seu amor sempre estará em meu coração.

À todos os amigos que fiz durante minha formação acadêmica: Mauro Shiroma (obrigado pela sua paciência), Dayane de Moraes, Letícia Soares, Mauro PM o (véio chato), Elizangela (Lili) que sempre me falava “força, fé e foco”, Francisco (Chico), Gabrielle (Gabi) parceiros de biblioteca, Cristielly Campos, Natanael, pelas bagunças e pelos apoios, Jú (Juliana Santos), Jonice Cena, Bruno Marini, Nasson amigo sorridente, alegre que nunca me esquecerei. E tantos outros amigos que fizeram parte da minha vida acadêmica, amigos que levarei para sempre em minha vida.

Quero agradecer aos professores Rogério Zaim, Isabella Ferreira, Guilherme Marins, Silvia Baruki, Fabiano Santos, Renata Teixeira, Micheli Ghiggi, Carlo Golin, Alexandre Louro, Maria Lucia Paniago pela enorme contribuição na minha formação. A minha orientadora professora Hellen Marques, eternos agradecimentos.

“É necessário acreditar que um sonho é possível, que o céu é o limite e você truta é imbatível...”

(Mano Brow, Racionais Mc's)

RESUMO

O presente trabalho tem como tema as influências dos vídeos clipes no processo de formação da criança. Atualmente as crianças reproduzem no seu dia a dia muito das músicas e danças disponíveis na internet e constantemente veiculadas pela mídia. Para tanto, temos como objetivo geral refletir sobre as relações entre a indústria cultural e o processo de produção e reprodução da cultura, em especial da música e vídeo clipes, apontando suas influências no processo de formação de crianças e adolescentes. Os objetivos específicos foram apresentar e discutir a importância da produção e apropriação da cultura para a formação humana; debater sobre a relação entre as mensagens das letras de músicas e o processo de alienação, a partir da cultura de massa e indústria cultural; analisar conteúdos de letras e vídeo clipes de músicas; investigar as contribuições da música no processo educativo da criança e para o trabalho pedagógico do professor. O estudo foi realizado por meio da pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo e análises de letras e vídeos clipes de músicas. Levamos em consideração as músicas mais presentes no dia a dia das crianças e adolescentes e que são tocadas nas emissoras de rádios, TVs e internet. Concluímos ser de fundamental importância colocar em debate essa temática, pois a música e dança são ferramentas pedagógicas que podem ser trabalhadas para a possibilidade da emancipação dos alunos. Se a indústria cultural influencia de forma negativa, a escola pode servir na luta contra a alienação através da produção cultural.

Palavras-chave: Indústria cultural. Cultura massificada. Música e Escola.

ABSTRACT

This work has as its theme the influence of video clips in the child's educational process. Currently children reproduce in their day to day much of the songs and dances available on the internet and constantly propagated by the media. Therefore, we have as a general objective to reflect on relationship between the cultural industry and the process of production and reproduction of culture, especially music and video clips, pointing their influence in the formation of children and adolescents. The specific objectives were to present and discuss the importance of production and cultural appropriation for human development; discuss the relationship between the messages of the lyrics and the process of alienation from the mass culture and cultural industry; analyze lyrics and music video clips content; investigate the contributions of music in a child's educational process and the educational work of the teacher. The study was conducted through the literature of qualitative matrix research and analysis of lyrics and music video clips. We consider the most present music in everyday life of children and adolescents and are played on radio stations, TVs and internet. We conclude be of fundamental importance put on this theme in discussion, because music and dance are teaching tools that can be worked to the possibility of the emancipation of students. If the cultural industry negatively influences, school can serve in the fight against alienation through cultural production.

Keywords: Cultural industry. Mass culture. Music and School.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A PRODUÇÃO DA CULTURA	11
2.1 Sobre a cultura.....	12
2.2 Indústria Cultural	15
3. A MÚSICA: DA PRODUÇÃO ARTÍSTICA AO PRODUTO DA INDÚSTRIA CULTURAL	21
3.1 A massificação das músicas e vídeos clipes	22
3.2 A influência dos vídeos clipes e músicas na formação da criança.....	35
4. A MÚSICA NA EDUCAÇÃO ESCOLAR: POSSIBILIDADES PARA A EMANCIPAÇÃO HUMANA	41
4.1 A função social da escola e da Educação Física	42
4.2 A música e a dança na Educação Física escolar.....	44
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS	50

1. INTRODUÇÃO

As músicas e danças são construções culturais do homem. Por meio dela, podemos expressar os mais diversos tipos de emoções presentes no cotidiano. Ao longo da evolução do homem, precisamente na revolução industrial, essa arte foi industrializada, perdendo o seu valor cultural e histórico para uma forma de ganhar dinheiro (FUGIKAWA e GUSTI, 2007).

Passaram, então, a ter um valor comercial, sendo destinadas à população meramente como mercadorias (MACEDO, 2008). Dessa forma, a população acaba por não conhecer os contextos históricos das danças ou músicas, mas apenas as reproduzem devido à moda promovida pela indústria cultural (FUGIKAWA e GUSTI, 2007).

Muitas músicas e danças são reproduzidas pelas crianças na escola e até mesmo em sua casa cercadas de jogos de rimas, cantos e jogos de linguagem que podem influenciar nas atitudes delas devidos aos conteúdos inapropriados na música. Outros exemplos são as danças com movimentos apelativos ao sexo, as que fazem alusão ao uso de drogas, violência e machismo, entre outros temas presentes inclusive nos vídeos clipes. Trabalhar a música e dança na escola como uma libertação da imposição que a indústria cultural traz com seus produtos massificados, problematizando esta realidade, é de fundamental importância e pode apresentar outras possibilidades ao aluno.

Este, portanto é o tema de nossa pesquisa, a influência da indústria cultural na sociedade, que tem como foco principal a relação entre as letras de músicas e vídeos clipes e a formação escolar.

O interesse em abordar este tema partiu da minha experiência e realidade, pois, onde resido vejo jovens, crianças e adolescentes escutando músicas que fazem apologia à criminalidade, desvalorização da mulher, entre outros assuntos. Além disso, nas aulas de estágio pude observar melhor os tipos de músicas que os alunos escutam em seus aparelhos celulares e caixinhas de som. Assim, acreditamos que essa pesquisa é de fundamental importância, pois, parte de uma realidade que fazemos parte. Enquanto professores e pesquisadores, procuramos contribuir para a produção do

conhecimento em Educação e Educação Física, pensando e repensando nas práticas pedagógicas contribuindo para formação de alunos emancipados.

Além disso, essas músicas estão presentes em nosso cotidiano, seja na escola ou ao redor dela, nos diferentes contextos em que vivemos. Portanto, é necessário entendermos e discutirmos como a indústria cultural tem massificado esses estilos de músicas e danças, servindo como distração e padronização tendo como consequência a alienação.

A maioria das músicas presentes nas escolas está nos aparelhos celulares, caixinhas de som portátil dos alunos, muitos dessas músicas são músicas violentas, em muitas situações estão presentes em seus lares, então as crianças só reproduzem sem haver uma contextualização uma construção crítica do conhecimento. Essas atitudes podem ser reproduzidas por ignorância, falta do conhecimento, dos conteúdos as serem explanados sobre a música e a dança nas escolas (MACEDO, 2008).

O problema não é as crianças reboarem, dançarem, mas, sim a reprodução das danças junto com as letras que dão os significados à dança. Essas danças, muitas delas, são plagiadas dos vídeos clipes e reproduzidas nas escolas.

Assim, definimos as seguintes problemáticas para este trabalho: Se as danças, ou as artes de modo geral, expressam significados, que significados os vídeos clipes e as letras das músicas contemporâneas estão trazendo às pessoas da sociedade? Quais as influências da indústria cultural no processo de produção e divulgação de músicas e vídeo clipes e, conseqüentemente, na formação das crianças e adolescentes?

Para tanto, temos como objetivo geral investigar as relações entre a indústria cultural e o processo de produção e reprodução da cultura, em especial da música e vídeo clipes, apontando suas influências no processo de formação de crianças e adolescentes.

Os objetivos específicos foram apresentar e discutir a importância da produção e apropriação da cultura para a formação humana; debater sobre a relação entre as mensagens das letras de músicas e o processo de alienação a partir da cultura de massa e indústria cultural; analisar conteúdos de letras e vídeo clipes de músicas; investigar as contribuições da música no processo educativo da criança e para o trabalho pedagógico do professor.

O estudo foi embasado em pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo e análises dos estilos musicais e reproduções das danças presentes no cotidiano de crianças e jovens. Na primeira seção, foi definido o conceito do o que é cultura e seus diferentes objetivos diante da existência de uma hierarquia social, ou seja, a divisão de classes. Ainda nessa seção, apresentamos uma definição da indústria cultural e suas inter-relações com cultura, apontando como a indústria cultural se apropria da cultura e a transforma em mercadoria.

Na segunda seção, discutimos a apropriação da música e dança feita pela indústria cultural e as formas como procura legitimar e padronizar os produtos culturais. As músicas mudaram as suas características verdadeiras e passaram a serem sons repetitivos, que não levam os ouvintes a fazerem uma reflexão da realidade.

As possibilidades e relevância deste tema para prática pedagógica do professor são as contribuições apresentadas na terceira seção de nossa pesquisa. Pois, acreditamos que a música e a dança possibilitam mudanças e o desenvolvimento senso crítico às crianças e adolescentes ao perceberem a dança e a música de uma forma consciente.

2. ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A PRODUÇÃO DA CULTURA

A cultura é o produto da construção humana na qual reúnem em seus aspectos tradições e conhecimentos que possibilitaram a construção e aprimoramento das técnicas de sobrevivência do ser humano. Ela sofreu divisão ao longo da construção social entre poderes, especificamente, entre pessoas que adquiriram posses de terra e as que não tinham e, com isso, precisavam da força de trabalho para sua sobrevivência (PAIVA, 2004). Essa divisão de classes reflete no poder econômico e também ao acesso à cultura erudita e popular (PAIVA, 2004).

Para Chauí (2008) a cultura como aspecto do gênero humano deveria ser pertencente a todos independentemente dos poderes aquisitivos econômicos. Não que a cultura erudita seja pertencente só à classe dominante, pois está para todos, mas o acesso à cultura não é voltada nessa perspectiva. Por exemplo, não tem como uma família que ganha um salário mínimo apreciar um teatro que custa um valor não acessível ao que ganha. Então, a classe subalterna escolhe entre ir ao teatro, cinema, à orquestra ou em se alimentar durante o mês.

Quando as pessoas da classe subalterna não têm acesso à arte, para muitos deles, torna-se desinteressante, pois como vão entender a algo que não têm acesso ou acharão mais interessante uma apreciação de quadros, sabendo que não são levados a ter contatos com esse tipo de arte? A arte que está mais acostumado será a mais interessante pelo contato mais presente. A cultura que as classes subalternas têm mais acessibilidade é a massificada que está presente nas rádios e televisões, entre outros tipos de comunicação (AVILA, 2000).

A cultura sofre com intervenções constantes da indústria cultural, pois entra em transformação devido aos produtos lançados progressivamente na sociedade. A desvalorização da cultura ocorre pela série de produtos de massificação pela indústria cultural produzidas e legitimadas por ela mesma. A cultura industrializada, ao adentrar em uma sociedade, torna-se inevitável em seu aproveitamento especialmente quando as pessoas consomem esses produtos e não fazem uma apreciação crítica do que está sendo consumido (ADORNO, 2007).

A cultura, dessa forma, torna-se produto de comércio e é fácil em sua aceitação, servindo de produto de alienação, consumida sem qualquer questionamento e descartada. Assim, ela é consumida como um objeto qualquer (ADORNO, 2007).

2.1 Sobre a cultura

A palavra *Cultura* vem do latim *colere* que significa cultivar, tomar conta e cuidar (CHAUÍ, 2008). Ela está ligada à preservação do conhecimento e costumes dentro de uma sociedade. De um modo abrangente, podemos definir cultura como um processo de produção de costumes que auxiliou o homem a construir e ressignificar constantemente sua existência com a capacidade de se apropriar dos produtos desse processo (CHAUÍ, 2008).

Paiva (2004) concorda ao dissertar que a cultura está ligada à produção do homem, facilitando sua forma de organização em seu cotidiano. Para a autora, o homem, ao longo de sua história, apropriou-se das técnicas de sobrevivência e esse sistema possibilitou o aprimoramento e organizações das suas produções sociais (PAIVA, 2004).

Paiva (2004) descreve que os humanos são filhos da cultura e que esta produz o próprio homem. Conseqüentemente, o homem também produz a cultura. Ele, ao fazer parte do meio social, produzirá cultura por meio do conhecimento transmitido e vivido em sua realidade. Batista (2010) reforça essa ideia ao relatar que somos produtos do meio e produtos para o meio.

Cultura é a união dos aspectos sociais e materiais, sendo que o primeiro tem um caráter de organização política e o segundo, o objeto em si e a atribuição dos significados aos materiais (LARAIA, 2006). A cultura nada mais é que o social sobre o caráter de comportamento e produções pertencentes a cada indivíduo que, por sua vez, faz parte de um coletivo.

O homem ao nascer interage com outros, aprende sobre o que será ensinado para a sua sobrevivência e sobre os conhecimentos pertencentes à cultura produzida pelo próprio homem (LARAIA, 2006; PAIVA, 2004). Ou seja, aprende sobre os valores e costumes de sua sociedade. Assim, o modo com que as crianças ou um adulto tendem a se comportar vem do meio em que está situado (LARAIA, 2006).

Paiva (2004) afirma que o ser humano depende da cultura para sua sobrevivência enquanto os animais fazem uma adaptação de acordo com o meio em que vivem. O homem, além da sua adaptação, tem a possibilidade de transformar o seu próprio meio.

Podemos concluir que a cultura é a totalidade da prática humana. São os conhecimentos adquiridos pelo homem ao longo de sua história e de fundamental importância, pois foram desenvolvidos e aprimorados a partir do que já existia.

Uma das funções da cultura é a de promover a formação e participação do homem na sociedade. Para isso, o homem estabelece a aquisição da linguagem e os costumes (VANDERLEI E HENRIQUE, 2006). Tais costumes englobam a forma de comportamento como herança cultural.

O modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, o resultado de operação de uma determinada cultura (LARAIA, 2006, p. 68).

As pessoas situadas em determinados pontos do mundo têm visivelmente tradições diferentes umas das outras. Neste sentido, em alguns momentos, a cultura condiciona o homem nos seus modos de agir. Aceitar o diferente não se torna fácil para determinadas comunidades, pois em nossa sociedade há certa dificuldade em aceitar a diversidade (LAPLANTINE, 2006).

Dessa forma, há uma subjugação de uma cultura em relação à outra, colocando-a como a mais correta e a mais aceitável diante de determinado ponto de vista (LARAIA, 2006). “O fato de que o homem vê o mundo através de sua cultura tem como consequência a propensão em considerar o seu modo de vida o mais correto e o mais natural” (LARAIA, p. 72, 2006).

Vivemos em uma sociedade dividida em classes sociais antagônicas em que há uma hierarquia social a partir desta divisão de classes. Partindo desse pressuposto, a cultura sofre uma diferenciação entre as classes, subdividindo-se em três categorias de cultura: erudita, popular e a de massa. Estas três divisões culturais acabam na prática divididas entre as próprias classes de acordo com seus objetivos e pelo seu poder aquisitivo.

Historicamente a classe burguesa (elite), em seu auge, não aceitava frequentar os mesmos estabelecimentos que a classe subalterna (trabalhadora) e que tivesse acesso aos conhecimentos de ponta ou mesmo expressões artísticas mais refinadas e, principalmente, que provocasse/despertasse o pensamento e a criticidade (CHAUÍ, 2008). Dessa particularidade da classe burguesa surge a divisão entre cultura popular e cultura erudita.

A cultura erudita é elitizada e pertencente à classe dominante, os burgueses. As características da cultura elitizada são a conservação de seu requinte, ou seja, o seus gostos. Neste rol, quando nos referimos à estética pertencente à arte, estão presentes determinados estilos de música, teatro, cinema, entre outros.

A cultura popular, como seu nome indica, diz respeito às manifestações populares vistas como diferentes, pois atribuem valores próprios da classe trabalhadora aos seus costumes e crenças (SILVA, 2005). A cultura popular sempre foi da classe dominada vista como cultura dos incultos. Além disso, historicamente, foi uma forma de contradizer as culturas passadas pela burguesia (SILVA, 2005).

A característica que se remete a cultura popular é o folclore. Ele carrega cada hábito e crença de cada povo que tem um significado passado entre gerações, no entanto, também é fortemente influenciado pelo senso comum visto que a ciência e a filosofia sempre foram privilégios da classe dominante (CHAUÍ, 2008).

Mesmo que à classe trabalhadora seja dado restrito acesso à determinadas manifestações culturais, historicamente a classe trabalhadora não se apropria das formas mais elevadas da conhecimento, o que dificulta em muitos casos a própria apropriação da algumas forma de arte. Por exemplo, a ópera, ballet música clássica, ou mesmo, a música popular brasileira (MPB), que traz, em alguns casos, letras complexas com mensagens mais críticas e reflexivas, demandaram conhecimentos históricos, científicos e filosóficos para a sua apreciação.

Além destas duas formas de manifestação da cultura na luta de classes, destacamos neste estudo a cultura massificada que, ao contrário da cultura popular e da cultura erudita, tem como objetivo produzir moda, consensos,

formas de pensamento e comportamentos para a classe trabalhadora (AVILA, 2000).

O termo "MASSA" teve origem no fim do século XIX na Europa Ocidental. Esse nome foi atribuído a uma nova sociedade que viveu em plena revolução industrial devido ao surgimento de uma nova classe chamada "nação do povo" e que, aos poucos, foi substituída pelo conceito "MASSA" (COELHO, 1993). Nesse período, os camponeses saíram do campo em busca de emprego nas cidades industriais, provocando o crescimento desordenado pela falta de estrutura das cidades. Assim, uma forma de divulgação de informações eram os folhetins de jornais que alcançavam toda a população (CAUDAS, 1987).

Com o crescimento das cidades e desenvolvimento das formas de comunicação, este meio foi se ampliando. A cultura massificada, portanto, está ligada à tecnologia atingida por uma grande quantidade da sociedade como, por exemplo, revistas, rádios, emissoras de televisão e cinema (COELHO, 1993).

Segundo Adorno (2007), no entanto, a cultura massificada produz a perda da individualidade com a estandardização das propagandas transmitidas à população. Os desejos próprios do homem se perdem ao ser influenciado pelo gosto da indústria cultural, devido a massificação dos objetos, ao serem colocados como a solução das suas necessidades, dos seus desejos (ADORNO, 2007).

A diferenciação entre as culturas é devido as organizações complexas construídas socialmente, que perpetuam pelas suas preservações da produção cultural a hegemonização da cultura (AVILA, 2000). Os produtos da cultura de massa, e a indústria cultural, tornam os valores culturais fúteis devido a sua comercialização como veremos no tópico a seguir.

2.2 Indústria Cultural

Quanto às influências, a cultura sofre uma grande desvalorização das suas obras em virtude da cultura industrializada, pois torna-se produção em grande escala, mercantilizada e vendida como qualquer produto (ADORNO,

2007). A indústria cultural¹ vem como determinante na cultura, por exemplo: o que vai ser moda, ou que iremos ouvir, dançar, comprar e até mesmo no modo de comportamento.

Theodor Adorno, uma das principais referências acerca da indústria cultural, tinha como temas das suas pesquisas a crítica social e análises dos meios de comunicação definidos como indústria cultural que exerce a manipulação e controle em seu público atribuindo valor a cultura tradicional (ADORNO, 2007). Tais pesquisas surgem na época do nazismo. Neste período, os filmes, desenhos e outras produções culturais tinham o objetivo de persuadir as pessoas, aceitando determinadas realidades e escondendo os verdadeiros problemas sociais.

Segundo Coelho (1980), o início de seu aparecimento (cultura massificada) foi com os jornais e leituras fáceis de serem entendidas: os romances de folhetim. Uma arte fácil de ser compreendida que retratava um quadro de vida da época. Sua réplica são as novelas atualmente.

Ainda que a revolução industrial tenha dado uma impulsão para existência da cultura massificada, como citado anteriormente, haveria outro fator que seria de fundamental importância para que a mesma se tornasse autossuficiente: a economia de mercado (COELHO, 1993). Segundo Coelho (1993) essa economia foi baseada em uma sociedade consumista, ou seja, com grande incentivo para aquisição de seus produtos mercadológicos.

Indústria Cultural², segundo Adorno (2007), é todo o bem cultural que se torna negócio e está envolvido no processo de comercialização se torna integralmente em mercadoria. Define uma cultura que viabiliza a integração do indivíduo sem que ele tenha a visão crítica para reagir a esse tipo de cultura. Esta é econômica e capitalista (ADORNO, 2007).

Assim, a indústria cultural começou a difundir a cultura massificada deuse o ponto de partida para regressão do conhecimento, das próprias opiniões pessoais de cada pessoa. Essa difusão dos produtos foi e tem sido usado como objetivo a persuasão e a alienação do homem da sua realidade. Segundo

¹ Segundo Coelho (1993) indústria cultural refere-se à empresas que se apropriam integralmente da cultura, atribuindo-lhe valor comercial.

² Compreendemos que a indústria cultural não pode ser personificada, ou seja, ela não é um ser animado, com vontades próprias e características humanas, o que seria uma antropomorfização. É um fenômeno social, produzido pelo próprio ser humano no interior da luta de classes.

Adorno (2007), os produtos massificados e estandardizados³ pelas mídias tornam-se um círculo de manipulação. Os clichês dos produtos lançados pela indústria cultural têm uma eficácia sob os consumidores e por isso são facilmente aceitos sem qualquer questionamento.

Os diversos meios de comunicação de massa ampliam os níveis de alienação⁴ e, com isso, a falta de reflexão dos indivíduos. Trata-se de impedir os questionamento críticos e a compreensão da realidade em sua totalidade, ou seja, “[...] a indústria cultural vai buscar legitimar tudo isso a partir de uma ideologia que é uma falsa consciência” (ADRIAN, 2012, p. 3).

A cultura massificada tem como objetivo forçar o indivíduo a não ter uma imagem de si mesmo diante da sociedade (COELHO, 1993). Segundo Coelho (1993), um dos efeitos causados propositalmente seria o efeito narcotizante com o divertimento alienado por meio do produto oferecido pela indústria cultural. Essa estratégia narcotizante ocorre, porém, com a fuga da realidade e distrações, impedindo que o homem construa uma criticidade da realidade ao seu redor (COELHO, 1993).

A alienação se caracteriza, portanto, pela extensão universal da "vendabilidade" (isto é, a transformação de tudo em mercadoria); pela conversão dos seres humanos em "coisas", de modo que possam aparecer como mercadorias no mercado (em outras palavras, a reificação das relações humanas); e pela fragmentação do corpo social em "indivíduos isolados" (vereinzelte Einzelnen), que visam aos seus objetivos limitados, particularistas, "em servidão à necessidade egoísta", fazendo de seu egoísmo uma virtude em seu culto da privacidade (MÉSZAROS, 1981, p.8).

Em uma sociedade em que a indústria cultural tem a facilidade em exercer seus próprios objetivos, destinando a sociedade a comprar seus produtos, o homem é visto como um objeto, ou seja, é transformado em coisa (COELHO, 1993). Esta relação é fruto da alienação de seu próprio trabalho, pois não se vê como o produtor, mas, sim, como produto. Ele mesmo não pode usufruir deste produzido por si porque não há uma remuneração equivalente ao

³ Padronização dos produtos fabricados pela indústria cultural (ADORNO, 2007).

⁴ Perda da razão quando um objeto se torna desconhecido, inquestionado e aceito (ADORNO, 2007).

que produz para que tenha acesso aos bens produzidos pela humanidade (COELHO, 1993).

A alienação do espectador em favor dos objetivos contemplados (o que resulta de sua própria atividade inconsciente) se expressa assim: quanto mais ele contempla, menos vive, quanto mais aceita menos reconhece as imagens dos dominadores da necessidade, menos compreende sua própria existência e seus desejos (DEBORD, 2003, p. 24)

A sociedade, por meio da alienação, não consegue refletir sobre o conceito da indústria cultural o qual atinge toda a população que, na sua maioria, são pessoas que vivem em periferia e já estão estandardizadas com as propagandas, novelas, filmes, servindo como uma distração no seu tempo livre de trabalho (ADORNO, 2007).

O cinema e o rádio, por exemplo, não precisam mais ser apresentados como arte, pois são vistos agora de outra forma ideológica em que os que dominam e o fazem como querem. “[...] O que não se diz é que o terreno no qual a técnica conquista seu poder sobre a sociedade é o poder que os economicamente mais fortes exercem sobre a sociedade” (ADORNO e HORKHEIMER, 1947, p.57).

A cultura vem decorrente da economia que nada mais é a expansão industrial por meio de seus produtos sensacionalistas. Busca persuadir a massa e, conseqüentemente, produz a alienação no inconsciente. O produto se torna mais importante que o próprio produtor (DEBORD, 2003). Então é feito sob normas padronizadas em que há um aparato para atender a necessidade e os gostos definidos para a classe trabalhadora (COELHO,1993).

A sociedade se coloca frente aos espetáculos disponibilizados por emissoras e outras mídias como meros fantoches. Esses espetáculos substituem a verdadeira realidade de quem contempla, tendo fim em seus próprios interesses na venda da imagem estandardizada, provocando o fetiche⁵ (DEBORD, 2003).

Uma das conseqüências da indústria cultural é a manutenção da desigualdade social que também é uma desigualdade intelectual. Isso fica bem

⁵ A falsa necessidade em adquirir um objeto para de tornar igual ou aceito na sociedade capitalista (ADORNO, 2007)

explícito com os produtos destinados às diferentes classes (ADORNO, 2007). Coelho (1993) nos descreve que o objetivo exclusivo desse sistema é a reprodução do capital quando nos afirma que o prejuízo desse sistema consumista não deve passar por esse veículo de informação. Pois, para vender os seus produtos, é necessário que as pessoas criem hábitos consumistas e para isso é necessário abortar a capacidade crítica de seus domínios. “Toda conexão lógica que exija alento intelectual é escrupulosamente evitada” (ADORNO, 2007, p. 19).

Quando essas autonomias críticas são tiradas de uma sociedade fica fácil de manipular aceitar seus produtos. A falsa necessidade se torna cada vez maior em adquirir seus produtos (ADORNO, 2007).

Adorno (2007) descreve que o ser humano desenvolveu as tecnologias para cada dia melhorar sua vida, mas, ao mesmo tempo, tornou-se refém das suas próprias invenções. A indústria cultural usa disto para atribuir os valores nos produtos desde monetários até emocionais para preencherem certo vazio na vida das pessoas (falsa necessidade – fetiche). Com isso, as pessoas atribuem aos objetos soluções para sua felicidade, mas quando adquirem percebem que não preencheram a sua necessidade. A indústria gera uma falsa necessidade a todo instante, porém essas necessidades nunca serão supridas no interior da sociedade capitalista (ADORNO, 2007).

As informações divulgadas pela indústria cultural estão presentes no cotidiano das pessoas: em casa, ruas, boates e lugares de lazer. Os seus produtos são massificados e indutivos ao consumo (ADORNO, 2007). Assim é o caso da arte e suas diversas manifestações.

A estética mencionada por Adorno (2007) referente à cultura artística é uma das mais legítimas construções humanas, tornando-se objeto de valor e insignificância com a sua comercialização.

O verdadeiro interesse da indústria cultural, em se apropriar da estética, é o valor que ela tem. Os produtos vendidos inseridos na sociedade têm uma retribuição monetária aos bolsos de empresários que produzem a cultura para atingir a população (ADORNO, 2007). Desvalorizam-se as obras estéticas além de contribuir para a desigualdade social cultural de uma mesma sociedade. Dessa forma, o que leva à produção da cultura industrializada é o consumo irracional por parte da sociedade (ADORNO, 2007).

Desse modo, observamos que a indústria cultural transforma a estética em comércio e introduz seus objetos, alienação, padronização, consumismo de maneira suave, mas com uma ideologia ditadora. Induz, portanto, a compra de seus produtos, alegando ao indivíduo a permanecer sempre atualizado (COELHO, 1993).

Podemos entender que o homem virou refém dos produtos da indústria cultural à medida que seus produtos são lançados massificados e internalizados pela sociedade. (ADORNO, 2007).

Na próxima seção discorreremos algumas análises das letras das músicas e seus conteúdos, a massificação das músicas e vídeos clipes, apontando algumas ideias do que há por trás das danças e, como os significados das letras das músicas associadas aos vídeos clipes podem influenciar as crianças e adolescentes.

3. A MÚSICA: DA PRODUÇÃO ARTÍSTICA AO PRODUTO DA INDÚSTRIA CULTURAL

A música é um das culturas mais sublimes da produção humana. Por meio dela transmitimos diversos tipos de emoções. Essa cultura, ao longo da história, foi modificada em sua verdadeira essência, perdendo-se os verdadeiros sentidos. A música também foi uma das culturas que virou produto de comércio. Ela foi transformada em mercadoria e também em uma das produções humanas que sofreu divisão e separação devido às divisões de classes.

As músicas mais trabalhadas que tem uma dedicação maior e que exige estudo para a sua composição como, por exemplo, as músicas clássicas, foram legitimadas pela classe hegemônica, mas a produção do Jazz que também veio da cultura subalterna foi legitimada pela burguesia. Podemos ver claramente no Brasil quando a música popular brasileira (MPB) foi elitizada como um estilo Popular, tornando-se um gosto elitizado, fato que é contraditório. A Música Popular Brasileira se tornou um dos estilos elitizados pela burguesia em que as pessoas da classe subalterna não tiveram mais acesso (CHAUÍ, 2008).

Percebe-se, ao analisar a história do Brasil na época da ditadura, que as músicas eram muito bem elaboradas e foram proibidas de serem tocadas nas rádios, pois, os militares não admitiam críticas aos regimes. Nesse contexto, a música popular brasileira era uma forma de reivindicação e contava sobre a opressão que a ditadura exercia sobre o povo.

Ao analisarmos as músicas na atualidade, percebemos poucas produções musicais que mostram a realidade do povo. A maioria das músicas produzidas hoje não oferece um conteúdo crítico, pois estão mais ligadas à venda dos produtos (MOZDZENSKI, 2012). Com o desenvolvimento tecnológico elas foram acompanhadas por vídeos clipes que simulam a realidade e há as com repetições onomatopeias⁶ com conteúdo superficial, servindo de distração porque não contribuem para um crescimento crítico (CORREA, GUSHIKEN. 2010).

⁶ Reprodução de ruídos. Esses ruídos presentes nas músicas brasileiras e internacionais como do grupo Black Eyed Peas com a música: bum bum bum.

Esses tipos de músicas com letras insignificantes alcançam os estilos musicais com o objetivo da venda de seus produtos. Essas músicas com os seus acessórios: a dança, estereótipos de corpo e roupas estão ainda mais presentes na vida das crianças e adolescente que são influenciados pelos seus ídolos presentes nos vídeos clipes. Esses ídolos⁷ são colocados por terem uma enorme visibilidade e também, são determinantes na venda de produtos nos vídeos clipes (MACEDO, 2008).

De modo geral, à única importância essas músicas têm é o valor monetário que oferecem. São, portanto, produções alienantes oferecidas à maioria da população, entre elas as crianças.

3.1 A massificação das músicas e vídeos clipes

No início, os clipes eram chamados de números visuais. Receberam o nome de *promo*, a partir da década de 80, que faz menção direta com o ato de promover (CORREA, GUSHIKEN. 2010). Estão ligados às imagens selecionadas que enfocam o lado comercial áudio-visual. Os vídeos clipes são recortes de imagens e produtos que precisam vender rapidamente e que, por isso, não têm a necessidade de haver um conhecimento detalhado do produto, tornando-se apenas *flashes* (CORREA, GUSHIKEN. 2010).

A manipulação digital de cores e formas pode gerar, no videoclipe, uma artificialidade na composição imagética através de transformações geométricas, destacamentos cromáticos ou efeitos gráficos. Neste sentido, podemos falar de uma proximidade do videoclipe com o conceito de consciência de realidade simulada (SOARES, 2004, p.07).

Os clipes são imagens que acompanham a música. Elas passam rapidamente, mostrando os significados das letras musicais. Os clipes musicais são produções de imagens muito bem elaboradas que envolvem o telespectador para o consumo de seu produto comercial e criações dos meios de comunicação de massa. Estão juntos, portanto, com as músicas populares (CORREA, GUSHIKEN. 2010).

⁷ Artistas famosos que tem uma grande visibilidade nos meios de comunicação.

Tomaram uma proporção gigantesca por associarem os recortes de imagens durante a passagem da música. Tornaram-se um grande aliado na divulgação dos artistas *pop's* na década de 80 (CORREA, GUSHIKEN. 2010) Contaram ainda com emissoras para a venda de seus produtos. Dessa forma, tomaram conta de todos os estilos musicais devido às imagens que despertam interesses e desejos em ter os produtos massificados. Estão, cada vez mais, com auto sofisticação para alcançar o maior número de consumidores (SOARES, 2004).

Para Mozdzenski (2012). As massificações dos estilos musicais (vídeos clipes) são concebidas pela indústria cultural as quais propõem modelos de padronização das músicas na sociedade e, na sua maioria, são músicas que não oferecem conteúdos que possam emancipar o ouvinte. As músicas são simplesmente transformadas em mercadoria para obter o capital, chamadas de músicas comerciais, pois só tem o objetivo de agradar os ouvidos e comercialização (MOZDZENSKI, 2012).

Os vídeos clipes que as acompanham são carregados de ideologias mercadológicas: tipo ideal de corpo, modo de se vestir, de dançar e até mesmo influenciando o comportamento (MOZDZENSKI, 2012). O modo com que a indústria cultural se apropriou dos estilos musicais e, por meio dessa difusão, influencia o gosto pelas músicas narcotizantes, tornando o sujeito passivo e acrítico (CORREA, GUSHIKEN. 2010)

Mozdzenski (2012) nos leva a pensar que os vídeos clipes musicais permitem a construção e apropriação das mensagens transmitidas ao consumidor e que, mediante as mensagens, constroem uma ideologia. No entanto, quais os tipos de imagens construídas por meio dos vídeos clipes aos consumidores que têm acesso a esse conteúdo?

Em comparação entre os vídeos clipes dos estilos musicais presentes na atualidade (2015) e nos anos 90 podemos perceber algumas mudanças profundas até mesmo na forma de compreensão e explicação da realidade vivida pelas pessoas:

Rap da Felicidade

Cantores e compositores: Cidinho e Doca

Eu só quero é ser feliz
Andar tranquilamente

Na favela onde eu nasci
 É...
 E poder me orgulhar
 E ter a consciência
 Que o pobre tem seu lugar
 Fé em Deus DJ
 Eu só quero é ser feliz
 Andar tranquilamente
 Na favela onde eu nasci
 É...
 E poder me orgulhar
 E ter a consciência
 Que o pobre tem seu lugar
 Mas eu só quero
 É ser feliz, feliz, feliz, feliz, feliz
 Onde eu nasci
 Ham
 E poder me orgulhar
 E ter a consciência
 Que o pobre tem seu lugar
 Minha cara autoridade eu já não sei o que fazer
 Com tanta violência eu sinto medo de viver
 Pois moro na favela e sou muito desrespeitado
 A tristeza e alegria que caminham lado a lado
 Eu faço uma oração para uma santa protetora
 Mas sou interrompido a tiros de metralhadora
 Enquanto os ricos moram numa casa grande e bela
 O pobre é humilhado, esculachado na favela
 Já não aguento mais essa onda de violência
 Só peço autoridades um pouco mais de competência...
 (VAGALUME, 2015)

A música acima retrata a vida na favela, denuncia a desigualdade social presente no cotidiano e as pessoas oprimidas e humilhadas pelo sistema político e relata a invasão da polícia ao adentrar nas comunidades atrás de criminosos. Os moradores, no meio desse episódio de violência, são esculachados e vítimas entre bandidos contra policiais. Ao mesmo tempo, trata-se da denúncia e reivindicação dos moradores aos órgãos competentes responsáveis pela segurança, saúde, escolarização, entre outros, que lhe são por direito. Quando a música relata “de ter a consciência que o pobre tem seu lugar” trata de um lugar de paz e não um lugar de humilhação e desonra por morar em comunidades carentes. Portanto, são pessoas que precisam ser vistas como cidadãos de respeito e, não, marginais.

Em contrapartida, um dos funks contemporâneos que também traz o tema da violência afirma o seguinte:

O bonde da Alta gosta de matar polícia

Cantor: MC Magrinho

Compositor: Mc Magrinho

Ai que delícia!

Ai que delícia!

Ai que delícia!

O bonde aqui da alta gosta de matar polícia.

(VAGALUME, 2015)

Observamos que as músicas sofreram metamorfoses nos sentidos de divulgar os problemas nas favelas, as formas de se referir à realidade e reivindicação pelos seus direitos. Sendo assim, relatam a realidade das comunidades das favelas de outra forma.

Em uma entrevista, na emissora de TV (SBT) com o MC⁸ (Mestre de cerimônia) Magrinho, foi perguntado sobre a música - O bonde da Alta gosta de matar polícia:

Repórter: essa música é uma apologia à matança de policiais!

Mc Magrinho: sim!

Repórter: é certo isso?

Mc Magrinho: não!

Repórter: você canta sobre os usos das drogas também, você acha que as pessoas usam droga por causas de músicas como essas?

Mc: não! Mas pode levar, às vezes pode levar as pessoas mentes fracas.

(SBT, 2015).

A repórter questiona o MC Magrinho sobre a música, referindo-se à matança de policiais civis e o uso de drogas. Ainda assim, sabendo que o homicídio é crime e as drogas fazem mal à saúde, o Mc faz apologia ao crime. Ele relata que as músicas podem, sim, influenciar as pessoas referidas por eles como “pessoas mente fracas”; sujeitos que se deixam levar por qualquer influência exterior. Então podemos concluir que a música reforça a revolta contra os policiais e o uso de drogas, colocando em prática o que a música relata.

Esses conteúdos transmitidos por meio das músicas atingem a maior parte da população inclusive crianças que se tornam MC's e se inspiram nos mesmos estilos de música como veremos a seguir:

⁸ Mestre de cerimonia responsável pelas rimas das músicas.

Repórter: para cantar funk precisa fazer letras mais fortes falando sobre sexo, é imprescindível se você de repente não canta assim você não faz sucesso?

Mc Brinquedo: não! Que nem eu falei! Na época que eu comecei tinha vontade de cantar.

Repórter: Mais faz sucesso quando o conteúdo é mais forte?

Mc Brinquedo: É! né!

Repórter: A gora na sua Mc Pikachu! Tem uma música que fala até sobre drogas.

Repórter: você acha que já está escancarado e você só retrata nas letras

Pikachu: Já! Está em tudo!

Mc Pikachu: fala o que? Se eles já veem tudo na televisão

Mc Plebeia: A gente só canta a realidade! A realidade do que o povo que ouvir na verdade.

Mc Princesa: Não é uma realidade nossa!

Mc Plebeia: Agente canta o que o povo quer ouvir!

Repórter: Quais foram os momentos mais complicados que vocês já enfrentaram?

Mc Princesa: foi essa música que a gente fez com o Pikachu.

Repórter: Esse clipe vou ter que te dizer ele é forte! Ele é forte!

Repórter: É difícil? Como que é fazer um vídeo pra você assim! Para vocês meninas?

Mc Princesa: Eu achei tranquila, por que assim não é minha realidade.

Repórter: É um personagem!

Mc Princesa: É um personagem! E a gente relata o que o povo quer ouvir mesmo.

Repórter: quando você lê lá na internet algumas críticas ah! Mais não pode fazer isso! Como é que você encara essa questão?

Mc Pikachu: É igual ela disse são personagem! Na vida real sou um menino normal.

Repórter: Sem ser personagem quem já pode assistir aos shows de vocês? Quem já pode ouvir as letras mais fortes? Tem uma idade mínima?

Todos respondem: todo mundo!

Repórter: E se tiver oito anos? Pode!

Mc Princesa: Pode! Por quê uma crianças de oito anos não vai entender a maldade do que eu estou falado. A não ser se os pais já ensinaram o que é a maldade para uma criança.

Repórter: Você acha que está na cabeça de quem escuta?

Mc Princesa: Está na cabeça de quem escuta!

Mc Brinquedo: hoje em dia está muito avançado então eu não sei! Tem criança ai que já sabe mais do que eu

(SBT. 2015).

Para exemplificarmos melhor, segue a letra da música citada pelo repórter:

Resposta a música do Mc Pikachu Pau

Cantor: MC's Princesa, Plebeia e MC Pikachu
Compositor: MC's Princesa, Plebeia

Tava no fluxo, eu sarrei e sentei na piroca⁹. Sabe o que ele quer? Xota, xota, xota¹⁰. Ele quer xota. Tava no fluxo, eu sarrei e sentei na piroca. Sabe o que ele quer? Xota, xota, xota. Ele quer xota. Tava na rua, fumando um baseado¹¹. Chegou um Pikachu, e pediu pra dar uns trago. Eu falei assim, vamos fazer um acordo. Taca a piroca em mim, que eu já tô bolando outro. Sabe o que ela quer? Pau, pau, pau. Ela quer pau.
(VAGALUME, 2015).

Os MC's mirins entrevistados têm entre treze e dezesseis anos. Essas são umas das músicas que são cantadas por eles e que chegam até crianças de várias idades.

A entrevista apresenta a discussão das letras de músicas cantadas por menores de idade com conteúdo que faz apologia ao uso de drogas e incentivo ao sexo. Nela, os Mc's deixam bem claro que essa realidade cantada por eles não faz parte do seu cotidiano e são apenas personagens fictícios, mas suas músicas propagam ideologias muito fortes para crianças. Quando relatam que a sua música pode ser ouvida por qualquer idade, as crianças, especificamente, acabam não entendendo o conteúdo das letras. Somente se os pais ensinarem o que é maldade. Contudo, afirmam que suas músicas têm um conteúdo malicioso.

Em sua pesquisa, Macedo (2008) relata em entrevista o depoimento de uma criança sobre a música da Valesca Popozuda, integrante na época da Gaiolas das popozudas, com a música "Late que eu estou passando".

Carol: Tia, e também tem assim... tem essa: "Ela fica de quatro que eu fico maluco, ela fica de quatro que eu fico maluco, desse jeito eu tô gostando⁵⁷" [outras meninas acompanham]
Nélia: Por que o menino canta que gosta? Que fica maluco?
Tatiana: É que a mulher são loira tem maior rabão...
Bianca: Elas tem maior bundão... elas...
Nélia: Elas quem?
Tatiana: Elas, que tem DVD... são mais loiras e usam short até aqui e a bunda delas fica aparecendo.
Nélia: São todas loiras?
Todas: Ahan.

⁹ Piroca e Pau Refere-se ao órgão sexual masculino (pênis)

¹⁰ Refere-se ao órgão sexual feminino (vagina)

¹¹ Cigarro feito de maconha planta alucinógena.

Nélia: Com bundão? E não tem diferente?

Tatiana: Não. Diferente, a cara tem, mas são tudo loira, entendeu? As roupas são igual.

Nélia: Por que será que todas as meninas são parecidas então... Mesma cor de cabelo, mesmo tipo de corpo?

Bianca: Nós duas somos quase loiras... Mas seu cabelo antigamente era mais loiro...

Nélia: É, mas às vezes eu pinto. E você?

Bianca: Eu não vou pintar mais de loiro, vou pintar da minha cor mesmo.

Nélia: Mas por que vocês acham que as meninas são todas parecidas? Com cabelo loiro?

Carol: Porque o loiro, é tudo igual... elas cantam no palco... (MACEDO, 2008, p. 119).

As crianças são influenciadas, sim, pelos vídeos clipes. Podem ainda não dominar o conteúdo completo transmitido, mas criam conceitos de estereótipos de corpo, belezas e atitudes (MACEDO, 2008). Esse relato vai ao contrário do que a MC Princesa pensa: que as crianças não entendem os conteúdos transmitidos. “A identificação com as imagens faz as crianças se apropriarem de todo um conjunto que envolve gestos, olhares, expressões faciais dos artistas (MACEDO, 2008, p.121)”.

Conforme discutido, as letras das músicas estão sempre associadas às imagens transmitidas pelos vídeos clipes. O site do Youtube divulgou os vídeos clipes mais acessados pelos brasileiros em 2014 (ZH ENTRETENIMENTO, 2015).

1. Lucas Lucco – Moção
2. Katy Perry – Dark Horse ft. Juicy J
3. Marcos & Belutti – Domingo de manhã
4. Jason Derulo – Wiggle feat. Snoop Dogg
5. Henrique e Juliano – Até Você Voltar
6. Galinha Pintadinha – Sambalelé
7. Psirico – Lepo Lepo
8. Anitta – Cobertor part. Projota
9. Pitbull – We Are One (Ole Ola) [The Official 2014 FIFA World Cup Song] (Olodum Mix)
10. Shakira – La La La (Brazil 2014) ft. Carlinhos Brown

Dos dez vídeos cliques mais acessados pelos brasileiros, três músicas nacionais retratam sobre o amor. A música estrangeira de Katy Perry revela a busca de um amor na qual ela espera ser muito amada por um homem. Wiggle feat. Snoop Dogg relata sobre um homem que se atrai pelo corpo da mulher e quer mudar a vida dela. Ele deseja muito estar em um momento íntimo com ela. A música tem um recorte de imagem bastante apelativo. No final do vídeo clipe um homem lambe as partes íntimas de uma mulher esculpida de gelo.

Já a música "Lepo Lepo" fala de um homem que perdeu tudo em sua vida: casa, emprego e carro. Mediante a sua crise financeira, ele quer saber se a sua parceira o ama mesmo pelo o que ele faz com ela (Lepo lepo). Nos gestos do "Lepo Lepo", apresentados no vídeo clipe, ficam nítidos o ato sexual com a sua parceira. Nos dois vídeos cliques We Are One (Ole Ola) e Shakira – "La La La" (BRASIL, 2014) é relatado sobre a Copa do mundo que aconteceu em 2014. Esta músicas foram intencionalmente lançadas neste período para destacar ainda mais o futebol espetáculo. As imagens que vemos são representativas da alegria, vitória, suor, torcida, esforço individual e de equipe, garra, etc. Estas acabam transmitindo ao espectador um sentimento de amor e sofrimento pelo futebol, esquecendo um pouco do próprio sentimento na realidade.

Em comparação ao estilo do Rap que mostra uma crítica à realidade e o transmitido na televisão, a presentamos uma música do grupo Racionais MC's:

Racionais Mc's - Homem Na Estrada

Compositor: Mano Brown

Um homem na estrada recomeça sua vida.

Sua finalidade: a sua liberdade.

Que foi perdida, subtraída;

e quer provar a si mesmo que realmente mudou,

que se recuperou e quer viver em paz, não olhar para trás, dizer ao crime: nunca mais!

Pois sua infância não foi um mar de rosas, não.

Na Febem, lembranças dolorosas, então.

Sim, ganhar dinheiro, ficar rico, enfim.

Muitos morreram sim, sonhando alto assim,

me digam quem é feliz,

quem não se desespera, vendo

nascer seu filho no berço da miséria.

Um lugar onde só tinham como atração,

o bar e o candomblé pra se tomar a benção.

Esse é o palco da história que por mim será contada.

...um homem na estrada. (VAGALUME,2015).

A música relata a vida de muitos homens nas favelas, que, talvez por falta de opção, entraram na vida do crime devido a miséria em seu cotidiano. A vida no crime fez com que eles ficassem reclusos por muito tempo em unidades penitenciárias devidos às infrações cometidas em busca de riqueza. Estes sonham com um novo recomeço para sua vida, mesmo a sociedade rotulando-o como ex-presidiário. Um ex-presidiário pelo seu histórico já é marginalizado pela sociedade como vagabundo. A música refere a sujeito que saem da vida do crime e quer provar que ele está apto para viver em sociedade, quer arrumar um emprego refazer a sua vida como um cidadão dentro da lei.

O grupo de Rap, Racionais, conta a realidade das favelas não transmitidas em redes de televisões e rádios, pois fazem uma dura crítica aos problemas sociais. Mano Brown, integrante dos Racionais, relata que para as suas músicas serem divulgadas pelas emissoras de rádio e televisão, teriam que mudar o conteúdo delas, deixando de contar a realidade dos problemas sociais enfrentados pela classe subalterna da sociedade (AVILA, 2000). O contexto das músicas teriam que ser voltadas ao comércio, no caso, sem uma crítica aos problemas sociais e carregados de produtos ilusórios.

Em contra partida à letra apresentada acima, apresentamos a seguinte música:

'Smack That' (Akon feat. Eminem) – Vamos transar

Compositor: Akon

Konvict - Condenado

Up front - Em frente

Akon - Akon

Slim Shady - Slim Shady

I see the one - Eu vejo a pessoa certa

'cause she be that lady - Porque ela é aquela mulher

CHORUS [Akon]: Refrão:

I feel you creepin', I can see from my shadow - Eu sinto você se aproximando

Wanna jump up in my Lamborghini Gallardo - Quer subir na minha Lamborghini Gallado

Maybe go to my place and just kick it like TaeBo - Talvez ir para minha casa e chutar como Taebo

And possibly bend ya over – E possivelmente e me ver

Look back and watch me – olhe para trás e me ver

Smack that, all on the floor – Vamos transar, deitada no chão

Smack that, give me some more – Vamos transar, eu quero

mais
 Smack that, till you get sore – Vamos transar, até você ficar dolorida
 Smack that, ooh – Vamos transar, ooh
 Smack that, all on the floor – Vamos transar, deitada no chão
 Smack that, give me some more – Vamos transar, eu quero mais
 Smack that, till you get sore – Vamos transar, até você ficar dolorida
 Smack that, ooh – Vamos transar, ooh
 Ooh... Looks like another club banger - Ohh, parece como um outro clube de gostosas
 They better hang on - É melhor elas aguentarem
 when they throw this thing on - Quando jogarem essa coisa
 Get a lil drink on - Beba um pouco - Beba um pouco
 They gonna flip for this Akon shit - Por essa coisa do Akon
 You can bank on it! - Você pode confiar
 Pedicure (manicure) kitty-cat claws - Pedicure, manicure, garras de gato
 The way she climbs up and down them poles - O jeito que ela sobe e desce naquele mastro
 Looking like one of them putty-cat dolls - Parece até uma das "Pussy Cat Dolls"
 Trying to hold my woodie back thru my (drawers) - Tentando segurar minha ereção na cueca
 Steps upstage (didn't) think I saw - Sobe no palco, não pensou que eu vi.
 (VAGALUME, 2015).

Podemos perceber que a tradução do próprio título da música acima tem um significado apelativo ao sexo. O vídeo clipe nos mostra um homem que está em uma penitenciária que sai da prisão e vai a um prostíbulo, em busca de uma mulher para passar a noite.

Quando o compositor se refere à *Pussy Cat Dolls* está se referindo à um grupo de cantoras com cinco integrantes, dentre as quais há ex-prostitutas. Este adjetivo também se refere à meninas gatas e gostosas.

No vídeo clipe da música fica bem perceptível qual a intenção do homem com a mulher. As mulheres dançam para vender o produto (seu próprio corpo), pois estão ali para servir ao homem como objeto sexual.

Em nossas experiências pessoais, em bairros da região de Corumbá e Ladário/MS, por meio das atividades de disciplinas do curso de Educação Física e projetos de extensão, pudemos observar as músicas presentes no cotidiano das crianças e adolescentes, nas ruas e na própria escola. Um desses estilos de música é o funk ostentação. O funk ostentação se caracteriza pelo “ter” em excesso como, por exemplo: dinheiro, cordões de ouro, mulheres,

carros importados, casas luxuosas entre outros objetos materiais. No entanto, a população que canta e reproduz essas músicas, não vive tal realidade.

Uma entrevista efetuada pela emissora (SBT) foi referida a um Mc que estava no processo da fama. Foram até a casa do Mc mostrar a realidade do seu cotidiano. Ao deparar com a sua realidade, percebe-se outra bem diferente do que é mostrada em seu vídeo clipe. O Mc, na verdade, era um ajudante de pedreiro, ganhava um salário mínimo e possuía uma casa simples. Em entrevista com o seu produtor, pôde-se constatar que seu empresário é que bancava os acessórios como, por exemplo, o cordão de ouro que custa quarenta mil reais.

Não podemos generalizar todos os estilos musicais e seus clipes como uma ferramenta de apologia a um conteúdo que contribui para alienação dos telespectadores. O que é enfatizado são as produções de vídeos clipes que, em sua maioria, não têm um conteúdo construtivo, mas que só enfatizam imagens com significados depreciativos e exorbitantes (MOZDZENSKI, 2012).

As mudanças de contextos dos estilos musicais são apenas uma das formas de obter lucro. As músicas que expõem a realidade da sociedade com letras fortes reivindicam os direitos, mas não vendem. No entanto, quando é retratado um quadro com mulheres seminuas e seus olhares sedutores ostentando uma vida de riqueza e luxúria, torna-se mais agradável bem como os clipes com mulheres de corpos estereotipados, deixando de lado os que relatam a verdadeira realidade. Dessa forma, não são bem interpretados e se tornam marginalizados.

Os vídeos transmitidos nas emissoras são, na sua maioria, temas que fazem da mulher um objeto somente para o ato sexual em que ela é vista como submissa, inocente, frágil e tem que estar sempre disposta a satisfazer os desejos dos homens. A submissão constrói uma ideologia de que a mulher é usada para satisfação de desejo sexual (MOZDZENSKI, 2012).

Ao contrário das mulheres, os homens são vistos como superiores com *status* social elevado, independentes, competitivos e seus objetivos alcançados em um estilo de vida de ostentação. Esses vídeos mostram o verdadeiro desprezo da imagem da mulher mediante a sociedade. Mostram uma hipocrisia; passam ao consumidor a ideia de que, para ter uma mulher,

precisará ostentar dinheiro, ter carro e correntes de ouro. A imagem da mulher é voltada ao interesse nos objetos de valor (MOZDZENSKI, 2012).

Esses vídeos clipes massificados tornam-se normais com os conteúdos cada vez mais depravados, expondo cenas vulgares. Os vídeos clipes de entretenimento são produtos lançados para ter um efeito sobre o gosto do consumidor. São, portanto, produzidos, massificados e vendidos nas emissoras de telecomunicação, rádios, tevês, internet's e outros meios de comunicação (CORREA, GUSHIKEN, 2010).

Servem como um meio de reprodução pelas danças que aparecem junto aos vídeos. As dançarinas também chamam muita atenção com suas roupas e movimentos sensuais. Os produtos massificados pelos meios de comunicação são preparados para despertarem um sentimento nos consumidores e usam de sentimento para vender seus produtos (MOZDZENSKI, 2012).

Essas músicas e vídeos clipes estereotipados com imagem de mulheres seminuas e a submissão da imagem feminina perante o homem reforçam ainda mais o preconceito e os estilos de vida a serem alcançados, despertando desejos em levar uma vida igual aos personagens dos vídeos (SOARES, 2004).

Os vídeos clipes não têm como objetivo construir um entendimento crítico. Foram feitos para agradar e divertir, mas entender a importância das linguagens e mensagens transmitidas por eles é muito diferente que somente gostar. Deve haver uma contextualização do que é ouvido e visto com a sua verdadeira realidade. Dessa forma, trazem uma satisfação das séries de repetição de imagem (CORREA, GUSHIKEN. 2010).

O desenvolvimento tecnológico, que se configura nos últimos tempos em nossa sociedade, tem determinado grandes transformações nas formas de vida e das relações humanas. Um novo personagem entra na vida das pessoas sem pedir licença, influenciando o comportamento, ditando regras de conduta e até de valores, trata-se da comunicação midiática. O mundo visual torna-se mais importante na medida em que sintetiza conceitos e se transforma no grande mediador de ideias e comportamentos. A mensagem se oferece pronta dispensa discernimento é o produto a ser consumido. Emerge uma nova necessidade em nossos dias, que é conhecer os códigos da linguagem imagética. A cultura passa por um processo de mundialização, os produtos culturais já não se limitam a um território específico, por conta da globalização. O

individual e o regional perdem referências frente ao global, propagado pela mídia (SESTITO, 2007, p.01).

Vemos que a estética foi tomada pela indústria cultural, legitimando seus produtos e utiliza-se dos meios de comunicação de massa para disseminar seus objetivos dentro da sociedade produzindo o consumo. Assim, as músicas produzidas em séries pelas indústrias culturais, tonam-se objetos de trocas de valores por dinheiro e consumidas como qualquer outro objeto, perdendo o verdadeiro valor crítico (SOARES, 2004).

Os tipos de mensagens dos clipes são padronizados e circulam dentro de tais objetivos: distração, agrados dos gostos, erotização, “corpo perfeito”, modas entre outros. Segundo Mozdzenski (2012), eles giram em torno dos planos dos empresários na divulgação, produção, reprodução e consumo. A indústria cultural investe no ramo musical de produtos que geram o capital com a sua divulgação massificada, despertando o gosto em seus ouvintes e obtendo assim altos valores financeiros (MOZDZENSKI, 2012).

Os clipes geram reprodução nas ideologias consumistas, massificadas e geram o fetiche. As produções de letras de músicas empobrecidas, associadas aos conteúdos dos vídeos clipes, transmitem as mesmas ideologias empobrecidas, em sua maioria, com mulheres submissas, homens ostentando e atitudes como: raiva, vingança; mulheres como objetos do sexo e violências sempre com o mesmo fim. A mudança é somente no cenário (CORREA, GUSHIKEN. 2010).

As ideologias transmitidas nos vídeos clipes não produz conhecimento aos seus telespectadores, pelo contrário, só reprodução de seus produtos estandardizados e massificados. As ideias disseminadas incapacitam seus telespectadores a conhecerem, observarem e tirarem conclusões que trazem libertação do mundo ilusório transmitido (SOARES, 2004).

É comum vermos crianças e adolescentes cantando e dançando as músicas mais pedidas e divulgadas nos meios de comunicação. Esses vídeos fazem apologia a conteúdos inadequados que transmitem cenas sensuais, consumo de drogas, atitudes machistas, entre outros. As mensagens transmitidas pelos clipes podem gerar atitudes inadequadas a suas idades,

pois lidam até mesmo com conteúdos ilícitos. Deixam, dessa forma, de vivenciar conteúdos próprios para sua idade (MOZDZENSKI, 2012).

Talvez até possa ser a sua realidade transmitida pelos clipes, mas as letras reforçam ainda mais o comodismo ou o pensamento de que os problemas enfrentados em seus cotidianos não têm solução. Essas mensagens transmitidas nem sempre são contextualizados em salas de aulas até mesmo as situações presentes que ocorrem no cotidiano dos alunos que cantam e reproduzem sem fazer uma contextualização crítica da sua realidade (SOARES, 2004).

Os clipes massificados não só se tornaram uns dos meios de venda de produtos, mas também de transmissão de valores. Entram pelos meios de comunicação nas famílias, desenvolvendo os gostos pelos estilos musicais e pelas letras. Estas, não discutidas, produzem a regressão da crítica e a normalização das letras, muitas vezes, inaptas a certas idades (MOZDZENSKI, 2012).

As músicas e seus vídeos produzidos, disseminados pela indústria cultural, têm as suas próprias finalidades no lado comercial e standardização das pessoas. Elas viram objetos de reprodução e comercialização dos vídeos clipes massificados. O trabalho de consciência vai para além das escolas. É necessário contextualizar essa temática com a realidade de seus alunos, reforçando o papel fundamental da família em ouvir e discutir esses temas presentes nas músicas (CORREA, GUSHIKEN. 2010).

3.2 A influência dos vídeos clipes e músicas na formação da criança

O processo de massificação das músicas e danças que fazem apologia à criminalidade, prostituição, sexo entre outros temas está cada vez mais frequente (CORREA, GUSHIKEN. 2010). Consequentemente, o público infantil e adolescente tem o acesso a esses tipos de conteúdo. As crianças e adolescentes internalizam atitudes inadequadas para a sua formação devido a fase da vida em que estão e, muitas vezes, há falta de orientação e reflexão acerca desses assuntos (MOZDZENSKI, 2012).

Isso é decorrente por causa da massificação dos estilos musicais e coreografias promovidas pela indústria cultural que se apropria de diversos

estilos para expandir suas vendas e acumular capital. A preocupação, neste sentido, está em vender músicas, influenciar comportamentos, aumentar o consumo de produtos diversos e obter lucro (MACEDO, 2008). Com isso, alguns estilos de músicas perderam o seu valor educativo, dando lugar aos objetivos da indústria cultural que cria uma falsa dependência/necessidade dos seus produtos. Muitos desses produtos oferecidos pela indústria cultural não tem um valor significativo para o aluno como, por exemplo, músicas com letras acrílicas que não tem contexto com a sua realidade, impedindo que esse aluno se torne crítico e emancipado (MACEDO, 2008).

A maioria das crianças que ouvem determinados tipos de músicas, reproduzem na escola e na rua o que escutam sem fazer uma relação com texto/mundo, ou seja, a música e a sua realidade. Muitas vezes, não há por parte delas a intenção de reproduzirem valores e ideias preconceituosas ou relações de dominação, mas apenas o fazem pela diversão que a música e a dança os proporciona (MACEDO, 2008). Essa atitude, no entanto, pode refletir certa falta de conhecimento e criticidade em relação aos conteúdos das músicas e danças difundidas em nossa sociedade (FUGIKAWA e GUSTI, 2007).

As músicas que são mais cantadas pelas crianças são aquelas que estão presentes nas rádios, em suas próprias casas, sendo escutadas também pela mãe, irmão e vizinhos. Como podemos observar, as crianças e adolescentes estão cada vez mais tendo acesso a esse tipo de cultura massificada como, por exemplo: "proibidão do funk", "farró safado", entre outros estilos (MACEDO, 2008).

Muitas vezes, a dança é incentivada em crianças bem pequenas, independente das relações que podem ter as letras das músicas ou os gestos com comportamentos não autorizados no mundo infantil, como consumo de drogas, manuseio de armas ou atos sexuais. Esse tipo de coreografia normalmente está vinculada à própria letra da música. (MACEDO, 2008, p. 122).

O grande problema não é a dança do funk, farró, sertanejo, mas sim as letras que fazem apologia a determinados temas que não são lícitos para determinadas idades. Não queremos com isso transformar determinados temas

em tabus, mas refletir sobre a forma como são abordados e, principalmente, os objetivos que sustentam este tipo de cultura em nossa sociedade. Quando as crianças têm acesso a esses tipos de músicas e danças e observam uma mulher dançando ou um homem insinuando o ato sexual, a criança ou adolescente passa a reproduzir esta ideia, pois, é a forma que aprende como sendo a mais correta, legal e aceita.

O corpo, nessas músicas, tornou-se um símbolo de propriedade do sexo, “um corpo banalizado”, cujo objetivo é a posse da mulher como objeto sexual (Macedo, 2008). Assim, quando esses estilos musicais chegam ao alcance dessas crianças elas reproduzem acriticamente por que está na moda ou influenciadas por seus ídolos (PINELLI e LARA, 2007).

A indústria cultural, criada no século XX, tem como um dos seus fins a massificação de estilos de vida e padronização da massa por meio de apropriações de diversas culturas, transformando-as integralmente em mercadoria. Deste modo, não está preocupada na forma como as músicas podem influenciar no cotidiano das pessoas que a ouvem e, sim utilizam os meios de comunicação para a massa como distração, impedindo que o sujeito seja crítico (MACEDO, 2008).

Você poderia pensar que as letras dessas músicas são apenas jogos simbólicos de palavras e que elas não podem influenciar o nosso modo de ser, pensar e agir. Mas não é bem assim, visto que de tanto ouvi-las, acabam banalizando o nosso entendimento tornando o nosso comportamento naturais e comuns (FUGIKAWA e GUSTI, 2007, p 145).

Nélia Mara (2008) retrata que as crianças quando veem ou ouvem esses tipos de músicas ficam confusas em meios aos jogos de linguagem, pois não a dominam e nem o conhecimento suficiente para compreender o que a música traz. Com o processo de massificação, os meios de comunicação: tv's, rádios e internets são capazes de influenciar diretamente nas opiniões e comportamentos de várias pessoas, independentemente de classes sociais.

Apesar da dança e da música não serem muito trabalhadas pedagogicamente na escola (MACEDO, 2008) como conteúdo do processo de formação, ainda assim, estão muito presentes no dia a dia dos alunos nos momentos de recreio quando não participam efetivamente das aulas de

Educação Física e escolhem outra atividade para passar o tempo nos intervalos das aulas ou em festas promovidas pela própria instituição.

Macedo e Lazzaratti (2010) reforçam que as músicas mais pedidas pelos alunos são aquelas que estão presentes no seu cotidiano, os estilos que fazem apologia à criminalidade, a banalização do sexo e a desvalorização da mulher. Segundo os autores a música mais pedida pelos alunos na escola é o funk (MACEDO e LAZZARATTI, 2010).

No entanto, com o processo de massificação, o funk deixou de ter o significado que tinha para as pessoas que viviam na favela: de crítica à sua situação social e denúncias à desigualdade e dominação. Passou a ser usado como um dos estilos que fazem apologia a outros conteúdos. Macedo e Filho (2010) nos apontam que a indústria cultural tem como objetivo atingir todos os estilos de músicas, mas são músicas sem sentido com pouco ou às vezes sem nenhum valor a contribuir com a vida das pessoas.

Além disso, as músicas lançadas pela mídia e indústria cultural vêm com uma dança já pronta que, segundo Macedo (2008), impedem que as pessoas sejam autônomas, colocando-as em padrões de reprodução. E quando o indivíduo não se apropria dos produtos impostos pela indústria cultural o mesmo se sente marginalizado e ao mesmo tempo discriminado por não se sentir “igual” aos seus amigos ou por não estar inserido em alguma tribo (BERTONI, 2006).

A onipresença das músicas de sucesso adequada à sintonia auditiva dos ouvintes, afeta-os na medida em que se encontram anestesiados pelo tipo de felicidade momentânea que elas possibilitam. Os indivíduos não são mais capazes de absorverem a totalidade e o verdadeiro significado das músicas. Estas, reproduzidas e massificadas, tornam os indivíduos consumidores passivos, destituídos de qualquer senso crítico e avaliativo em relação à mercadoria musical consumida. O consumo de tais músicas se sustenta em função apenas de seu valor de troca. O uso pleno não se faz necessário devido à onipresença desse tipo de música, que se apresenta já digerida num formato pré-fabricado (BUENO, 2008 p.137).

Um das estratégias que vem junto com as músicas são os vídeos clipes que vêm com um modelo de padronização, venda de estilos de vida, roupas entre outros interesses impostos pela indústria cultural. O público, ao

assistir os vídeos clipes quer levar um padrão de vida igual aos de seus ídolos. Para cada idade, a indústria cultural tem uma forma de abordagem, influenciando-os ao consumismo (MACEDO, 2008).

Um olhar crítico para as músicas que são lançadas é de fundamental importância: a contextualização, reflexão acerca das letras e coreografias, explicar ao que elas se referem, para quem são cantadas, que população é atingida. A partir dos questionamentos críticos e construtivos acerca dos conteúdos das músicas e das danças podemos fazer alguma diferença na vida do aluno (PINELLI e LARA, 2007).

É comum professores julgarem o que as crianças cantam, mas quando chegam datas comemorativas acabam por não fazer uma análise das músicas. Com isso, os alunos escolhem aquelas que estão em destaque na mídia e reproduzem sua dança (MACEDO, 2008). Sendo assim, a expressão estética própria da música que, refere-se à cultura artística, apesar de ser uma legítima construção humana, torna-se mercadoria e, para muitos, seu valor de formação é insignificante com a sua comercialização (ADORNO, 2007).

O verdadeiro interesse da indústria cultural em se apropriar da estética é o valor como mercadoria que ela tem. Os produtos vendidos inseridos na sociedade tem uma retribuição monetária aos bolsos de empresários que produzem a cultura para atingir a população. Desvalorizam-se as obras estéticas além de contribuir para a desigualdade social cultural de uma mesma sociedade. Dessa forma, o que leva à produção da cultura industrializada é o consumo irracional por parte da sociedade.

A sociedade vive a verdadeira compulsão comercial, pois os produtos culturais industrializados são consumidos sem muitos questionamentos. Por exemplo: as danças, músicas, o cinema e demais produções culturais (ADORNO, 2007). Para Adorno (2007) a estética é consumida e submetida ao esquecimento. Pode-se dizer, então: são jogados fora, servindo de objetos de satisfação momentâneos. Portanto, a cultura não pode ser consumida como objeto.

Adorno (2007) nos relata que é preciso termos ciência da importância da estética como um patrimônio de construção humana e que os seus valores não podem ser trocados pela reprodução do capital. Portanto, são produções que carregam valores dos povos e carregam uma história.

A educação estética se torna importante na perspectiva de educar os sentidos e proporcionar o esclarecimento. Por meio desse ensinamento, a arte é entendida como conhecimento que possui códigos de linguagens e devem ser entendidas pelas pessoas que a apreciam a fim de levá-las à identificação de como pode ser utilizada em nosso cotidiano (MACEDO, 2008).

As linguagens artísticas estão inseridas em quase todos os contextos de comunicação. Se não esclarecermos a importância da arte no meio escolar, as crianças, futuros consumidores independentes, serão dominados facilmente pela indústria cultural e cairão em suas “armadilhas”, tornando-se consumidoras alienadas (MACEDO, 2008).

Acreditamos que é essencial a discussão acerca da indústria cultural no ambiente escolar com o intuito de formar cidadãos capazes de escutar e interpretar músicas e estilos de dança, fazendo uma relação com a sua realidade e, conseqüentemente, filtrando as informações que lhe são passadas pela mídia como sujeitos críticos e autônomos em relação ao que é proposto (MACEDO, 2008).

Na seção seguinte argumentaremos sobre o papel da escola, do professor e da disciplina Educação Física, destacando algumas possibilidades para um novo olhar dos alunos para as músicas que estão presentes em seus cotidianos.

4. A MÚSICA NA EDUCAÇÃO ESCOLAR: POSSIBILIDADES PARA A EMANCIPAÇÃO HUMANA

Como podemos observar ao longo da seção anterior, a dança e a música são utilizadas como ferramentas de semiformação na sociedade e atinge as crianças e adolescente que acabam crescendo sem um conhecimento crítico das mesmas.

A música e a dança no processo educativo são ferramentas que devem ser utilizadas para uma possibilidade da emancipação do aluno. Um olhar mais atento para estes conteúdos permite levantarmos questionamentos a serem abordados, vários temas que são de fundamental importância para o esclarecimento do aluno. Desde a manipulação das músicas, valores difundidos, domínio da indústria cultural, entre outros que fazem parte do cotidiano da população, promovendo a alienação em sua maioria.

Nos planejamentos das aulas de Educação Física abordando o tema música e dança como possibilidades de ampliar o conhecimento do aluno, poderão ser levantadas questões, problemáticas, pelo próprio professor. Portanto, a elaboração dos planejamentos do professor tem que ir de encontro com a necessidade do aluno podendo levar conteúdos significativos para su a aprendizagem.

Tais planos e objetivos de aula devem ser feitos de acordo com a realidade de cada escola. Ter essa percepção da realidade será de fundamental importância para que os conteúdos relacionados à dança e música tenham mais sentido para a vida de cada indivíduo, pois, apesar das questões formativas universais referentes aos conteúdos de ensino, cada escola, aluno e professor, estão imersos em um contexto social diferenciado.

Segundo Reis, et al (2013), na escola é preciso educar para a apropriação de todos os aspectos humanos e a dança e músicas se encaixam na totalidade do gênero humano. Pois, são produtos do próprio homem na sociedade. Se faz necessário termos clareza de: educar para que? E para quem? Qual o objetivo da educação para a apropriação da cultura?

Essas finalidades tem que partir das próprias concepções do professor que, ao tentar transmitir um conceito, conteúdo, poderá contribuir para a formação da concepção de mundo do próprio aluno.

4.1 A função social da escola e da Educação Física

A escola é uma instituição pedagógica cujos objetivos são a transmissão e construção crítica do conhecimento. Saviani (2009) nos relata que esses objetivos, para a formação de alunos emancipados, devem estar presentes desde o início da educação escolar, para que o discente chegue ao ensino médio com uma bagagem de conhecimentos que possibilitem desenvolver a consciência crítica sobre a realidade.

A busca pelo conhecimento e reflexão sobre as questões sociais é de fundamental importância para os alunos, pois, a partir dos questionamentos dentro das salas de aulas poderão formar e transformar sua visão do mundo que os rodeiam (SAVIANI, 2009). Isso, na medida em que os alunos forem se apropriando do conhecimento oferecido nas salas de aulas e muitas das experiências e saberes do senso comum (que contribuam para a alienação) sejam desmitificados (MACEDO, 2007).

O fundamental, portanto, é que os alunos assumam essa atitude filosófica; que eles sejam capazes de refletir sobre os problemas os quais eles defrontam e, no caso da educação, que eles sejam capazes de refletir sobre os problemas educacionais (SAVIANI, 2009, p. 39).

Então se faz necessário educar não só para a assimilação mecânica do conteúdo, mas, para que construam sentidos e significados dos mais complexos (REIS, ETAL, 2013). Os conteúdos levados aos alunos não podem ficar em uma abstração do conhecimento, tem que ser concretizados, ou seja, trazê-los para a vida real, associando-os com a realidade (REIS, ETAL, 2013).

Entende-se que é preciso superar o senso comum como uma abstração do conhecimento superficial, formando pessoas capazes do questionamento. Não se trata, porém, de levarmos qualquer conteúdo, ou seja, conteúdos simplistas que provam a reprodução das relações sociais de poder, mas os conhecimentos clássicos que permitem a emancipação humana (SAVIANI, 2009).

O professor educador tem a função de levar o discente a pensar, criar curiosidade, intrigá-los, desafiá-los através dos conteúdos, através da própria realidade do aluno. Neste sentido o professor precisa entender qual o seu

papel dentro sociedade e levar outras possibilidades de conhecimentos para os alunos.

Isso revela que o trabalho educativo na sociedade de classes é algo muito complexo que exige do professor rigor na tomada de posições, compromisso político comum projeto de sociedade que assume o domínio dos instrumentos pedagógicos para transformar a intenção educativa em algo real na formação humana (REIS, et al, 2013, p. 43).

O professor se torna uns dos mediadores do conhecimento, a relação entre o profissional da educação os educandos permitirá um conhecimento em conjunto, ou seja, a trocas de saberes um aprendizado contínuo (SETTON, 2001). O trabalho do professor deve garantir a transmissão do conhecimento em uma sociedade de classes, mas no sentido de educar contra a hegemonia, para que todos tenham acesso ao mesmo conhecimento, às mesmas possibilidades e oportunidades e que todos os educandos possam se apropriar do conhecimento crítico e reconhecer seus direitos dentro desta sociedade (REIS, et al, 2013). Pois,

Na perspectiva voltada à reprodução do capital, a educação tem servido como meio de adaptar o indivíduo às condições históricas das reproduções, negando o potencial criativo transformador da realidade que o homem possui, impedindo-o de reconhecer como o sujeito da história (REIS, et al, 2013, p. 49).

A escola, nessa perspectiva, tem educado os alunos apenas para o essencial no mercado de trabalho. Entende-se que para a sua formação o indivíduo tem que saber fazer o trabalho, não precisa se apropriar dos elementos culturais, pois, se tornam elementos fúteis em sua vida.

O que reforça a tarefa indispensável do professor em considerar todas as dimensões dos conteúdos na formação do aluno, ou seja, a dimensão filosófica, artística, cultural, política, social, científica. Os conteúdos a serem ensinados na escola vão dos assuntos mais técnicos e exatos aos assuntos culturais. O ensino da cultura, que também faz parte do gênero humano é de fundamental importância, como apontamos na seção anterior, este ensino consciente da cultura permitirá que os alunos se apropriem desse conhecimento significativo para a sua vida.

Entende-se então, que a escola tem como objetivo ensinar todos os componentes curriculares que integra o currículo, para que o aluno possa ter acesso a todos os tipos de conhecimento, inclui-se neste caso a própria Educação Física. Assim, contraditoriamente à perspectiva da formação para o mercado de trabalho, a escola deve além do saber ler e escrever, enfatizar e problematizar a cultura que compõe a sociedade, pois, é parte das produções humanas e direitos de todos terem acesso (REIS, et al, 2013).

4.2 A música e a dança na Educação Física escolar

A Educação Física é um componente curricular da escola e tem que contribuir para o aprendizado do aluno, assim como as outras disciplinas. Isso implica desenvolver nos alunos conhecimentos para a emancipação, o saber fazer de forma crítica, o conhecimento para além das informações (SAVIANI, 2009).

A Educação Física pode contribuir com um ensino de qualidade e com a transformação social do indivíduo, para isso se faz necessárias diferentes estratégias para que os alunos se apropriem do conhecimento (SAVIANI, 2009). “Os princípios da seleção do conteúdo remetem à necessidade de organizá-los e sistematizá-los fundamentados em alguns princípios metodológicos, vinculados à forma como serão tratado aos alunos.” (SOARES, et al, 2006).

Segundo Soares, et al (2009), podemos fazer a reflexão sobre os problemas sociais, como: relações sociais do trabalho, preconceitos sociais e raciais, cultura, papéis sexuais entre outros. Temas que são de fundamental importância para a compreensão de mundo dos indivíduos. Essas reflexões possibilitam um olhar mais crítico da sua própria realidade (SOARES, et al, 2009). Assim, concordamos com Reis, et al, quando afirma que “o objetivo das aulas de Educação Física é promover crítica sobre diferentes conteúdos” (2013, p. 61). Ou, como defende Saviani (2009), educar para a liberdade, emancipação.

O confronto do saber popular (senso comum) com o conhecimento científico universal selecionado pela escola, o saber escolar, é, do ponto de vista metodológico fundamental para a reflexão pedagógica. Isso por que intriga o aluno, ao longo de sua escolarização, a ultrapassar o senso comum e

construir formas mais elaboradas de pensamentos (SOARES, et al, 2009, p.33).

Neste sentido, entendemos que é fundamental também o professor se apropriar do conhecimento científico constantemente, ter a atitude de pesquisador e superando a visão fragmentada de Educação Física que hegemonicamente tem tomado conta das escolas. A Educação Física pode e deve relacionar-se com as outras áreas do conhecimento e contribuir para a função social da escola.

A Educação Física escolar trata dos elementos da cultura corporal: jogos, brincadeiras, danças, lutas, esportes, ginásticas, entre outros (SOARES, et al, 2009). Estes elementos abrem um grande leque de conteúdos para serem desenvolvidos na escola, entre eles, destacamos para este trabalho a dança e a música¹².

Fugikawa e Guasti (2007), em suas análises, descrevem-nos que as músicas com as suas danças presentes nos vídeos clipes e os gestos das danças são repletos de significados. Tanto as letras das músicas e danças expressadas pelo corpo, apresentam intenções e podem, sim, serem decifradas. Em meio ao contexto escolar, as danças e as músicas são pouco trabalhadas devido a pouca afinidade. Dessa forma, são deixadas de lado e não contextualizadas.

Os vídeos clipes com mensagens superficiais, simplistas e de compreensão da realidade devido a sua massificação determinam a música e os movimentos coreografados. Torna-se muito importante o professor estar sempre atento às músicas e vídeos clipes, contextualizando-os na escola.

Devemos repetir coreografias como esses estilos de danças? Devemos dançar conforme a música? Ou será que é possível dançar considerando as experiências que cada indivíduo viveu, tendo em conta o grupo ao qual pertence, suas possibilidades de movimentos e expressando de maneira própria? (FUGIKAWA E GUASTI, 2007, p.199).

A contextualização dos assuntos sobre as músicas e reprodução das danças, na escola, possibilita a reflexão das letras e danças. Não é necessária

¹² Apesar da música ser conteúdo específico da disciplina de Artes, acreditamos que por ser parte integrante das aulas de Educação Física, esta pode ser problematizada conjuntamente na escola.

a reprodução dos cliques apelativos que denigrem o corpo e fazem a apologia ao sexo de modo que reforce os valores da sociedade capitalista. Mesmo que as realidades dos alunos sejam diferentes, é preciso fazer a contextualização das danças e letras das músicas. O funk, rap entre outros estilos musicais mais presentes não podem ser negados e tratados como “lixo cultural”.

Todos os estilos musicais e danças sempre tiveram um contexto de valor significativo. Contudo, com a intervenção da indústria cultural, muitos foram transformados em mercadoria e perderam o seu valor cultural.

Não pretendemos ensinar música como um professor de Artes/Música que ensinará a ler partituras, tocar instrumentos, ou mesmo fazer reflexões a partir da especificidade de sua formação. Mas sim, como um instrumento pedagógico que através dela possibilite o aluno a compreender os elementos da cultura corporal, próprios da Educação Física.

A música é um elemento artístico cultural que está presente nos conteúdos da Educação Física, por exemplo, na dança, ginástica, brincadeiras, capoeira. Quanto às abordagens da música nestes conteúdos, podemos relacioná-la às mensagens das letras e vídeos cliques, diferentes estilos e ritmos, modalidades e coreografias de danças e suas relações com a música, o conhecimento estético e artístico, os contextos históricos das manifestações artísticas, a criatividade e a técnica, etc.

Nesta perspectiva, acreditamos que a prática pedagógica precisa ter algumas características que considerem a realidade do aluno e a intencionalidade do professor no processo de ensino-aprendizagem. Sendo elas: Diagnóstica, Judicativa e Teleológica (SOARES, et al, 2009).

A prática educativa diagnóstica permite ao professor identificar os conhecimentos prévios dos alunos, seu contexto social e experiências, valorizando-as e partindo delas para o ensino. Sendo assim, a partir da música o professor vai diagnosticar quais tipos de músicas e quais danças e estilos os alunos conhecem e que estão mais presentes no seu cotidiano.

Judicativa, pois, haverá um juízo de valor, um posicionamento crítico do professor em relação ao conteúdo e ao processo de ensino. Além disso, o aluno também será levado a questionar e explicar sua própria realidade. Neste sentido o professor poderá questionar quais as mensagens das músicas que os alunos ouvem, a quem elas se referem, quais estilos musicais não conhecem e

por quê? Por que não escutam outras músicas (MPB), músicas clássicas e por que não nos são apresentados outros estilos de danças, como ballet clássico, danças de salão, danças folclóricas, entre outros, no dia a dia? Quais as necessidades de que temos de nos apropriarmos de outros estilos de músicas e danças em nosso cotidiano?

A característica teleológica diz respeito à finalidade do processo educativo a partir dois primeiros eixos. Ou seja, ter consciência do porque precisamos aprender e refletir sobre estas problemáticas, quais suas contribuições para nossa formação e, principalmente para o professor, como este processo de ensino será encaminhado na escola.

Esta proposta é sistematizada na metodologia crítico-superadora a partir da pedagogia histórico-crítica e destaca o papel do professor no processo de mediação do conhecimento ao aluno. Sua finalidade última é promover uma educação emancipadora, de modo que o aluno se reconheça enquanto sujeito ativo no processo de transformação da realidade.

Essas são possibilidades que os professores têm para trabalhar música e danças nas escolas. Pois, é preciso educar para valorizar a construção cultural rompendo as relações de dominação e exploração de classes (REIS, et al. 2013). Dando significado aos conhecimentos transmitidos para que haja possibilidades de romper com o ensino superficial. Deste modo esperamos que o aluno possa ter um olhar crítico acerca das letras das músicas e da dança, além de outros conteúdos, para mudar sua própria realidade, portanto, contribuindo para uma sociedade mais justa.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dança e a música são partes dos componentes do currículo da educação física. Sendo assim, é de fundamental importância o ensino/aprendizagem no ambiente escolar. Deixar de ensinar essa arte corporal é também negar o conhecimento para o aluno. Mesmo que o professor não tenha uma afinidade com a dança, é preciso buscar recursos para possibilitar a vivência e o aprendizado ao aluno.

A música é uma arte que desperta emoção e sentimentos como, por exemplo: tristeza, alegria, revolta, solidão entre outras. Mas, quando essa música vem associada aos vídeos cliques, podem influenciar ainda mais dependendo do que se retrata (PINELLI e LARA, 2007), ainda mais quando o indivíduo se vê dentro do contexto da música e do vídeo clipe, criando a ilusão ou desejo de viver aquela realidade.

A educação estética se torna importante na perspectiva de educar os sentidos e proporcionar o esclarecimento desses mecanismos, uma vez que a arte deve ser entendida como conhecimento, que possui códigos de linguagens que devem ser apropriados pelo aluno a fim de levá-lo a identificar como esses códigos são utilizados em nossa sociedade. As linguagens artísticas estão inseridas em quase todos os contextos de comunicação. Se não os entendermos passamos a ser dominados por eles e caímos nas “armadilhas” da indústria cultural (SESTITO, 2007, p. 03).

O grande papel da escola é fomentar a discussão e o confronto, utilizando-se da linguagem estética como um instrumento de viabilização na educação para perceber e refletir as contradições sociais estabelecidas na ordem social capitalista.

Educar os sentidos na perspectiva de que a estética precede a ética, e que a arte viabiliza a catarse que é a possibilidade de fazer o indivíduo se exercitar pela compaixão, de se colocar no lugar do outro, ou seja, desenvolver a dimensão da alteridade, que é o exercício da vida em comum, o exercício da cidadania. A arte é conhecimento na medida que possibilita o esclarecimento, a visão crítica da realidade (SESTITO, 2007 p.03).

Se faz necessário a discussão em escolas sobre as reproduções das danças nas escolas, o seu valor como cultura e a apropriação dela como um aspecto do gênero humano. Dando importância para a sua apropriação da cultura, que ela é sim necessária de ser ensinada. Realizando uma leitura crítica para as músicas e vídeos clipes lançados, explicando ao que elas se referem e quais os verdadeiros objetivos da indústria cultural em lançar esses produtos na sociedade.

Quem está por trás da apropriação da cultura são os empresários que a usam como forma de obter lucro. Ela, assim, passa a ser comercializada como um objeto qualquer, perdendo o seu valor cultural, ou seja, são apenas consumidos sem qualquer conhecimento crítico, padronizadas e colocadas à venda.

Concluimos que empresários que estão por trás da indústria cultural na utilizam-se dos meios midiáticos para propagar a alienação através da música e das danças. Pois, estas manifestações são consideradas como mera mercadoria de consumo apenas para a reprodução pela reprodução, sem um conhecimento crítico. Se a indústria cultural influencia de forma negativa, a escola, utilizando os meios culturais, pode servir na luta contra a alienação através da produção cultural.

Nesse processo de desvalorização cultural para obter o capital monetário, fica perceptível o acesso que cada classe tem à cultura. Desse modo há uma “restrição” a classe trabalhadora a determinados eventos culturais, no caso da acessibilidade. Então, entendo quando há uma “restrição” cultural do indivíduo, ele se apropriará daquilo que está mais próximo dele e da sua realidade.

Portanto, faz necessário utilizarmos das músicas e danças como ferramentas pedagógicas, atribuindo-lhes novos valores e significados.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. **Indústria cultural e sociedade**. Paz e Terra, 2007. Disponível em: <http://charlezine.com.br/wp-content/uploads/Ind%C3%BAstria-Cultural-e-Sociedade-Adorno.pdf>. Acesso em: 20 de dezembro de 2014.
- ADRIAN, Nelson. **Cultura de Massa ou Indústria Cultural**. Disponível em: www.primeiroconceito.com.br/site/wpcontent/uploads/2012/02/culturaDeMassa.pdf, acesso em 22 de novembro 2014.
- AVILA, Astrid Baecker. **As relações entre cultura e subculturas: Circunscrevendo a cultura corporal**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, 2000.
- BATISTA, Jefferson Alves. **Reflexões sobre o conceito Antropológico de cultura**. Revista saber eletrônico Ano: 2010. Disponível em: <http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/viewFile/42/46> Acesso em: fevereiro de 2015.
- BERTONI, Luci Mara. **Arte, indústria cultural e educação**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v21n54/5271.pdf> acesso em: 20 de novembro de 2014.
- BUENO, Noemi Correa. **Implicações na relação entre indústria cultural e música**. II Encontro da União Latina de Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultural. Bauru. Ano: não encontrado disponível em: http://www2.faac.unesp.br/pesquisa/lecotec/eventos/ulepicc2008/anais/2008_UIepicc_0127-0142.pdf. Acesso em 15 de abril de 2015.
- CALDAS, Waldenyr. **Cultura de massa: e política de comunicações**. 2. ed. São Paulo, SP: Global,
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. Ed. Ática, São Paulo 2008 Acesso em: 17 de novembro de 2014.
- COELHO, Teixeira **O que é indústria cultural**. Coleção primeiros passos. Editora: Brasiliense Ano:1993. Disponível em: <http://www.ceap.br/material/MAT05032013224040.pdf>, acesso em 05 de janeiro de 2015.
- CORREA, GUSHIKEM. Laura Josani Andrade, Yuji. **As transformações das mídias massivas, segmentadas e em redes evidenciadas pelo vídeos cliques**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Caxias do Sul. Ano: 2010 Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-1911-1.pdf> Acesso: em abril de 2015

DEBORD. Guy. **Sociedade do Espetáculo**. 2003 Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/socespetaculo.pdf> Acesso em: janeiro de 2015.

FUGIKAWA, GUSTI. Claudia Sueli, Mauro. **Quem dança seus males espantam**. Educação Física. Ensino Médio. Edição: 2º. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/livro_didatico/edfisica.pdf . Acesso em: 26 março de 2015

LAPLANTINE, François. **Aprender antropologia**. São Paulo, SP: Brasiliense, 2012. 205 p. ISBN 85-11-07030-3.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 17. ed. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2004. (Coleção antropologia social).

MACEDO, LAZZROTTI Christine Garcia. FILHO. Ari. **Dança na cultura da escola para uma dança na cultura escolar**. 2008. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd143/danca-na-cultura-da-escola.htm> acesso em 20 de novembro de 2014.

MACEDO. Nélia Mara Rezende. **O que as crianças cantam na escola?** Um estudo sobre a infância, música e cultura de massa. 2008 Disponível em: http://www.proped.pro.br/teses/teses_pdf/2006_1-205-ME.pdf acesso em: 20 de novembro 2014.

MÉSZÁROS, ISTVÁN. Marx: **A Teoria da Alienação**. Rio de Janeiro, Editora Zahar, 1981. Disponível em: <http://www.giovannialves.org/capitulo1.pdf>, acesso em 22 de novembro de 2014.

MOZDZENSKI, Leonardo Pinheiro; DIONISIO. **O ethos e o pathos em videoclipes femininos: construindo identidades, encenando emoções**. 2012. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Pernambuco. Disponível em: <http://www.pgletras.com.br/2012/teses/Tese-Leonardo-Mozdzenski.pdf>. Acesso em 30 de abril de 2015.

PAIVA. Inete Porpino. **Um diálogo sobre a cultura e construção do homem**. Ano: 2004. Disponível em: <http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/viewFile/42/46> Acesso em: fevereiro de 2015.

PINELLI. Tânia Mara Lopes. Lara. Larissa Michelle. **Trá-lá-lá-la... que dança é essa?** Funk na escola um olhar sobre a linguagem corporal. Disponível em: http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes_pde/artigo_tania_maria_lopes_pinelli.pdf acesso em: 20 de novembro 2014.

SAVIANI. Dermeval. **Educação: do senso comum à consciência filosófica**. 1. Ed. São Paulo, SP. 1989.

REIS. Adriano de Paiva et al. **Pedagogia histórico-crítica e educação física**. Juiz de Fora. Editora: UFJF, 2013.

SBT. **Conexão repórter**. 2015. Disponível em:
<http://www.sbt.com.br/sbtvideos/search/>. Acesso em: 10 de maio de 2015

-

SESTITO, Eloiza Amalia Bergo. **Introdução à educação estética e a influência da Indústria Cultural**. Direcionamento ideológico e ausência de formação emancipatória. Disponível em: http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem05pdf/sm05ss16_08.pdf. Acesso em: 20 de abril de 2015.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. **Mídia e educação**. São Paulo, SP: Contexto, 2011. ISBN 978-85-7244-482-8.

SILVA. Mônica Martins. **História, narrativas e representações na escrita do folclore em Goiás. ANPU-XXXIII simpósio nacional de história**. Londrina, 2005. Disponível em:
<http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S23.1442.pdf>
Acesso em: abril de 2015.

SOARES, Carmen Lucia, Et al. **Metodologia do ensino de educação física**. São Paulo, SP: Cortez, 1992. 119 p. (Magistério 2º grau Formação do professor).

SOARES, Thiago. **Videoclipe, O elogio da desarmonia: Hibridismo, transtemporalidade e neobarroco em espaços de negociação**. In: Anais do XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. INTERCOM. 2004. Disponível em
<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/34993058721904594029607013385137403671.pdf> acesso em: 20 de abril de 2015.

SOUSA. Kairon P. Araujo. **Adorno e Horkeimer: Uma visão crítica sobre a indústria cultural**. Disponível em:
<http://www.ifcs.ufrj.br/~aproximacao/artigos/adornohorkheimer.pdf> acesso em: 20 de janeiro de 2015.

TILIO. Rogério. **Reflexão acerca do conceito de cultura**. Volume VIII São Paulo -2009.

VAGALUME. **Letras de música para ouvir**, 2015. Disponível em
<http://www.vagalume.com.br/>. Acesso em: 01 de maio de 2015.

VANDERLEI, HENRIQUE Kalina Silva Maciel Silva. **Cultura. Dicionário de contexto histórico- São Paulo. 2006**. Disponível em:
http://www.igtf.rs.gov.br/wp-content/uploads/2012/03/conceito_CULTURA.pdf.
Acesso em: 15 abril de 2015.

ZHENTRETENIMENTO. Youtube divulga os 10 clipes mais tocados em 2014. Disponível em:

<http://zh.clicrbs.com.br/rs/entretenimento/noticia/2014/12/youtube-divulga-os-10-clipes-mais-vistos-pelos-brasileiros-no-site-em-2014-4659704.html>. Acesso em 01 maio de 2015.